

Quando o
trauma
se torna
dominante

Uma entrevista com Sarah Schulman

Tradução livre da entrevista:

“When Trauma Becomes Dominance: An Interview with Sarah Schulman”

Publicado no dia 2 de Agosto de 2017:

Literary Hub

O original está disponível em:

<https://lithub.com/when-trauma-becomes-dominance-an-interview-with-sarah-schulman/>

No último livro de Schulman, *Conflict is Not Abuse: Overstating Harm, Community Responsibility, and the Duty of Repair*, as várias coordenadas da vida da autora enquanto estudante, professora, conselheira sobre violência doméstica e ativista contra a discriminação das pessoas infetadas com o vírus do HIV, são combinadas poderosamente num excêntrico trabalho de reflexão e análise. O livro procura

traçar a forma como as pessoas internalizam a dependência do Estado policial, tanto de forma consciente como inconsciente, para mediar as suas disputas. O conflito e a disputa são ocorrências desconfortáveis e naturais da vida íntima, e Schulman argumenta que devemos resistir à noção de que a violência é inerente à divergência. Como tem sido demonstrado uma e outra vez, as estruturas da sociedade

americana que dependem, em parte, da polícia, opõem-se estruturalmente aos interesses de feministas e da população queer e racializada. Este trabalho não refuta que o abuso e a violência de facto acontecem, nem situa a culpa em nenhuma pessoa ou grupo que legitimamente faz frente ao poder. Em vez disso, num contexto de conflito e luta pelo poder (estruturalmente distinto de situações de poder

sobre), ecoa uma chamada de atenção para honrar o trabalho da justiça restaurativa demonstrado por feministas negras e outrxs ativistas. No último mês, sentei-me a conversar com Sarah Schulman sobre as suas histórias e ideias.

Adam Fitzgerald: Porque é que decidiste escrever sobre a distinção entre conflito e abuso?

Sarah Schulman: Esta questão, surgiu, primeiramente, no meu livro *Ties That Bind: Familial Homophobia and Its Consequences* (New Press, 2009). Foi neste contexto que me debrucei sobre a família homofóbica, um grupo de pessoas que estão unidas e por isso mesmo beneficiam - porque é uma experiência vantajosa pertencer a um grupo unido - da ideia de que o membro queer da família é o problema que deve ser removido. Quando realmente

o problema é a homofobia da família em si mesma. Foi um ponto de viragem, comecei a identificar o poder de grupos negativos - o prazer que advém de pertencer a grupos negativos, em desviar a culpa e simular que a pessoa que não fez nada é o problema. Depois, quando escrevi *Israel, Palestine, and the Queer International* (Duke, 2010), apliquei esta análise à minha vida, porque foi a primeira vez que escrevi um livro inteiro

sobre a minha posição dominante enquanto judia. Tive então de ser extremamente autocrítica para confrontar os mitos sobre os quais a minha identidade foi construída. Constatei que grande parte destes mitos estavam enraizados na família, que é o derradeiro grupo negativo. Já tinha, na altura, realizado uma grande quantidade de trabalho teórico para este livro.

AF: O livro está claramente focado no conflito e não,

necessariamente, no abuso.

SS: Certo. Tal como eu explicitamente constatee no livro, já existem milhares de livros sobre abuso e nós estamos perante uma crise global de escalada de conflito! Temos um presidente que nos diz todos os dias que é vítima, que está sob ataque. Esta é uma construção muito frequente, quando a pessoa que tem mais poder entende, literalmente, que as descrições

do seu poder constituem um ataque. Isto é generalizado. Assistimos a isto globalmente no caso da supremacia branca, mas também em relações interpessoais. Ao mesmo tempo, vemos pessoas que foram realmente abusadas a ser-lhes negada a atenção que necessitam enquanto outras usam o discurso sobre "abuso" para esconder o seu papel na escalada do problema. Como exemplo, existem pessoas brancas nos EUA que

foram deslocadas do seu papel social devido ao encerramento de fábricas, minas etc. Mas devido ao racismo, em vez de confrontarem a origem dos seus problemas, o grupo de 1% de pessoas brancas projeta as suas ansiedades nas pessoas que nada têm a ver com as suas perdas: imigrantes e pessoas racializadas. É uma acusação falsa. Nesta construção de dominação - o polícia branco que se sente ameaçado pelo homem

negro por este estar a ler um livro e o mata - a pessoa dominante vê-se sob ataque. De modo semelhante, pessoas que foram realmente traumatizadas acusam muitas vezes o alvo errado, seja num contexto íntimo seja num contexto global. Pode-se dizer que esta é a psicose israelita. Esta construção encontra-se, neste momento, generalizada a uma escala mundial e por isso é necessário desmascará-la.

AF: Começas o livro a assinalar a tua posição enquanto escritora queer e mais à frente situas no centro o exemplo de Audre Lorde.

SS: Sabes que ela foi minha professora na faculdade, em Hunter College. E andámos na mesma escola secundária. Por isso sim, existe bastante reconhecimento. A aula que ela lecionava designava-se oficialmente "US Literature

after WWII”, um título benigno. Isto foi no início dos anos oitenta. Era uma típica aula CUNY abarrotada onde existem tantxs miudxs que não conseguem caber dentro da sala. E depois entrou Audre com um seio e um colar que pendia para o outro lado do peito e disse “Vamos mudar o nome desta disciplina para “The Poet as Outsider” [risos]”. E indicou os textos que iriam fazer parte do currículo - *Lesbian Poetry*,

Understanding New Black Poetry e *Native American Poetry*. E foi isto. O seu foco era: nós não tínhamos permissão para discutir como é que os poemas tinham sido escritos, só podíamos discutir o que sentíamos ao ler determinado poema. Para aquele grupo de estudantes foi absolutamente apropriado. Eu usei este método com estudantes da universidade pública e é muito efetivo. Era uma disciplina fantástica, onde a ouvi dizer muitas coisas que

ficaram comigo para toda a vida. Ela disse: "Turma, tirem os vossos cadernos de apontamentos e escrevam: "That you can't fight city hall, a rumor being spread by city hall". Eu ensino o seu ensaio *The Transformation of Silence into Language and Action* e funciona perfeitamente com todxs e quaisquer alunxs independentemente da idade ou do país de origem. É um dos textos mais eficazes que já usei. Embora tenha uma licenciatura

em ciências arquivistas, ela não era acadêmica, vinha da escola da não-ficção, sem notas de rodapé, sem doutoramentos e esse tipo de coisas. E é por isso que me identifiquei com ela nessa tradição. Lembro-me de uma vez estarmos a ler *Understanding New Black Poetry* e a discutir um poema de Don L. Lee, esse era o nome anterior de Haki R. Madhubuti. O poema que a Audre escolheu para ler tinha a palavra começada por 'n'

repetidas vezes e ela chamou-me para o ler alto para a turma inteira. Esta era uma turma Hunter, certo? Não havia muitas pessoas brancas na turma e eu não o queria ler, mas ela chamou-me a mim então tive de o fazer. Ela era a figura de autoridade. Para a minha geração não existiam muitas figuras de autoridade negras. Na minha escola primária houve uma diretora negra, mas a maioria das pessoas da minha idade não

tinham professorxs negrxs. Comecei a ler o poema com uma voz muito baixa. E ela disse, "O que se passa Sarah?" e eu disse, "bem, sinto-me desconfortável a ler isto." E ela disse-me, "Porquê? Essa palavra não tem poder para ti, ou tem? ". O que considero uma excelente forma de ensinar.

AF: Próximo do início do *Conflict is Not Abuse*, mencionas que é possível, com o tempo, que os

grupos oprimidos façam a transição para o papel de opressor. E isso verificou-se certamente com certas mulheres brancas e gays brancos, entre outrxs. Penso no sujeito branco queer ocupando uma espécie de espaço do pós-guerra como oprimido e opressor.

SS: A nível individual e geopolítico, as pessoas traumatizadas projetam às vezes a culpa erradamente. O que pode acontecer em relacionamentos

íntimos. Por exemplo, uma parceira cujo pai abusou sexualmente dela pode projetar as suas ansiedades no parceiro que a ama e está ali para ela. Verificamos muitas vezes este tipo de projeção, certo? E o Estado explora isso. Outro exemplo, na criminalização do HIV, que discuto ao longo do livro, o governo pede às pessoas que não são portadoras de HIV e sentem ansiedade em relação ao sexo ou ao HIV para chamar a

polícia e denunciar xs
parceirxs sexuais que são
seropositivxs, como no caso
canadiano. É uma exploração da
nossa vergonha sobre o sexo e o
estigma interminável do HIV e
da fragilidade que é canalizada
para a culpa. Isso é algo que se
verifica através dos 'cliques'
- grupos fechados que ostracizam
quem é exterior ao próprio grupo
-, nas famílias destruturadas e
em comunidades que têm enraizada
a incapacidade para a

autocrítica, assim como, nas
nações que estão relacionadas
com conceitos de supremacia.
Uma pessoa que foi gravemente
agredida pode causar danos
graves na vida de outra pessoa.
Se estás a ser agredidx, seja
por parte de alguém que é
umx supremacista ou alguém
que não tenha processado o
seu próprio trauma pode ser
igualmente prejudicial para ti.
Existem casos dramáticos de
transformação. Em 1945, os

judeus eram provavelmente um dos grupos mais oprimidos do mundo. Em 1948 deu-se a fundação do estado de Israel, um Estado-nação judeu que subordina um povo inteiro, xs palestinxs. Para alguns indivíduos ou para algumas entidades verificou-se uma transformação do trauma e da opressão profundos para uma entidade opressora. Certamente, gays brancos, que durante a crise da SIDA morreram em grande número e foram tratados

com indiferença grosseira pelo Estado e pelas suas famílias, hoje, se são de classe média ou acima, gozam em muitos casos do privilégio da branquitude. Na Europa, por exemplo, vemos cada vez mais homens gays brancos a moverem-se para a direita e a votar em partidos de direita. Este é, então, outro exemplo de transformação em uma entidade opressora.

AF: Achas que isso está relacionado com o que está

a acontecer, que é descrito como homonormatividade, o nacionalismo e o conservadorismo reproduzido por alguns gays brancos?

SS: Bem, estes são dois conceitos da teoria queer: homonormatividade e homonacionalismo. Homonormatividade foi cunhada por Lisa Dugan, professora da Universidade de Nova York. Descreve essa ideia de pessoas gays que predominantemente por

meio da branquitude, encaixam-se em modelos heterossexuais aceitáveis, que, por sua vez, os torna elegíveis para certos tipos de privilégios. Por exemplo, aqui estamos na calamidade nacional de Trump, e a única lei nacional que temos é o casamento gay. Mas nós não temos uma lei antidiscriminação! Quando nos assemelhamos ao construto heterossexual certos tipos de proteções tornam-se disponíveis. Para aqueles

que somos diferentes, não há proteção. Depois veio o homonacionalismo, que foi articulado por Jasbir Puar no seu livro *Terrorist Assemblages*. Ela mostra isso novamente, principalmente através da branquitude, mas não exclusivamente - no caso israelita - certos tipos de sistemas de tolerância foram postos em prática, e como alguns gays conseguiram a assimilação no grupo dominante nacional,

eles começaram a identificar-se com o Estado-nação. Então, quando pessoas gays ou trans ingressam no Exército dos EUA, elas passam a identificar-se com o Estado que vai usá-las para matar pessoas no mundo inteiro em guerras ilegais e imorais. Aceitar a nossa atual sociedade capitalista nacionalista, significa tornar-se parte da máquina de guerra. Estes dois conceitos são muito úteis para entender o que aconteceu.

É difícil de assimilar, especialmente para alguém da minha geração que nasceu na total ilegalidade. Em primeiro lugar, o sexo gay não era legal nos Estados Unidos até 2003; não vamos esquecer isto. E aqui em Nova York, podiam-te recusar um apartamento, um emprego ou um serviço num restaurante até 1986. Então a minha geração foi profundamente oprimida, sobretudo, quando éramos jovens. As nossas experiências de

homofobia familiar foram terríveis. Para internalizar e assimilar o modo como agora estamos numa posição de enorme poder em função da branquitude - comporta novas responsabilidades. Tens que passar por um processo autocrítico para aceitar tudo isto, porque a dor emocional dos primeiros tempos não desaparece, mesmo que no presente não esteja a acontecer.

AF: Outra questão que me impressiona no teu livro é a retórica em torno da vitimização e da vitimologia sedimentada e tipificada pelos discursos conservadores e neoliberais. Tornou-se a descrição eleita por guerreirxs de justiça social, flocos de neve especiais, millennials - basicamente minorias em espaços universitários que exigem mudanças.

SS: No Capítulo Três faço a

pergunta, "Como chegámos aqui?" Qual é a história que produziu este momento - quando mesmo até a contracultura é obcecada em apontar o dedo a um e único perpetrador para que possam puni-los, e, portanto, podemos provar e reter a nossa pureza e inocência? O que vejo é que, em 1958, quando nasci em Nova York, se uma mulher fosse violada, só haveria condenação se houvesse uma testemunha. Ela não podia provar apenas com o seu

próprio testemunho porque os tribunais não acreditavam em mulheres. O Estado era literalmente o inimigo das mulheres naquela época, e não havia como conseguir justiça. Foi neste contexto, na década de 1960, quando surgiu o movimento feminista contra a violência. Recorrer ao Estado era absurdo para muitas mulheres. E também surgiu numa época de movimentos globais, radicais e visionários, em busca de mudanças drásticas

na forma como as pessoas se relacionavam umas com as outras. E assim, o movimento feminista contra a violência, estava mais focado em capacitar as mulheres do que em punir os homens, porque não estava envolvido com o aparelho de punição. Estes movimentos entendiam que a violência era provocada pelo patriarcado, pela pobreza e pelo racismo. E, construíram uma análise estrutural e o que agora chamamos de "justiça

restaurativa" - embora esse conceito não existisse na época - que consiste em desenvolver sistemas não-carcerários de base, como Centros de Crise de Violência Sexual. Então, se fosses vítima de violação, podias telefonar para uma linha direta e uma mulher que tivesse sido violada ou com formação falava contigo. Não há Estado, não há polícia, certo? Ou abrigos para mulheres maltratadas, aulas de autodefesa

para mulheres ou aborto ilegal; soluções que foram criadas nas relações de base. Nos anos 70, havia um programa chamado CETA, onde o governo financiava o pessoal de organizações comunitárias de base. Quando Reagan foi eleito em 1980, ele eliminou o CETA, e muitas destas organizações entraram em colapso. Então começa-se a ver - e esta é a mudança ideológica - que nos anos 80, durante o período Reagan, o governo

torna-se a entidade que está encarregada de “acabar com a violência.” O que constitui uma crise de significado, porque o governo dos EUA é uma das potências mais violentas do mundo. E assim os serviços tornam-se dependentes de financiamento do governo, tens de ter credenciais do governo para trabalhar nestes serviços e o modo de execução é a polícia. E não só sabemos o que há de errado com a polícia, que

eles são violentos e racistas e contribuem para a escalada de violência, mas também que “polícia” é a profissão na América que tem a maior taxa de violência doméstica comparando com qualquer outra profissão, incluindo Jogadores da NFL. O foco então afasta-se do patriarcado, da pobreza e do racismo, e concentra-se em descobrir quem é o perpetrador para que eles possam ser punidos, o que geralmente

significa encarceramento. Por esta altura, começamos a ver a propaganda a emergir no zeitgeist cultural, como Law and Order: Special Victims Unit, por exemplo. Esse tipo de série onde há um predador malvado e uma vítima totalmente inocente, e a resposta é.. a polícia. Eles argumentam que o árbitro adequado para mediar o conflito, nos relacionamentos, não é a comunidade, não são as soluções de base nem a

autocrítica, mas sim o Estado. Esta é a construção ideológica que ainda vigora. Esta construção significa que temos de ser vítimas verdadeiramente inocentes para podermos despertar compaixão. Se reconhecermos que estamos a contribuir para o conflito e, portanto, temos o poder de resolvê-lo, não somos mais qualificados para a compaixão. E esses grupos negativos: os 'cliques-cliques' são muito

importantes - grupos familiares negativos, relacionamentos negativos, casais, grupos que se baseiam no desvio da culpa para pessoas de fora, que não se podem ajudar a ser autocríticos, ampliando essa falsa construção. É por isso que temos este conceito de que é melhor ser uma vítima, que é impotente, do que ser uma pessoa que tem o poder de realmente transformar uma situação, porque perde-se o apoio social. Então, vejo isto

como um fenómeno histórico.

AF: Um momento profundo do livro ocorre quando relatas uma experiência em que um aluno, parte de um grupo oprimido escreve sobre ti on-line, e os seus colegas dizem: "Ele está a perseguir-te!" A anedota é tão poderosa porque demonstra que existem muitas opções para responder.

SS: Uma opção é, quando estás em conflito com uma pessoa,

antes de começares a relacionar-te com outras pessoas para prejudicá-las, pergunta o que elas acham que está a acontecer. Estou espantada com a frequência com que me pedem para magoar pessoas. Por que é que a convidaste? Por que estás a trabalhar com eles? Porque foste à festa deles? É-nos pedido, frequentemente, que evitemos ou isolemos socialmente outras pessoas sem nunca falarmos com elas. E as pessoas fazem isso

frequentemente. A tua amiga acabou com alguém, então tu serás cruel com a outra pessoa para o resto da tua vida? É antiético. Pega no telefone e liga para a pessoa que te estão a pedir para magoar e, em vez disso, diz: "Porque é que isto está a acontecer?" A resposta a essa pergunta pode ser tão esclarecedora. Toda uma série de ataques brutais que podem mudar drasticamente a vida de alguém de forma negativa podem, na

verdade, ser evitados através
da discussão do conflito.

Lua Negra
krakatoa@riseup.net

Lua

Negra